

7 Considerações finais

Depois que o uso das mídias digitais se integrou e passou a ser parte do cotidiano de minha vida, consegui que minha família estreitasse laços, o convívio – antes difícil devido às grandes distâncias geográficas que nos separam –, usando o espaço virtual, e as facilidades das redes sociais. Através da criação de uma rede social fechada para o contato de nossos parentes, estamos nos (re)descobrimo, nos comunicando e, principalmente, encurtando as distâncias.

Com essa vivência, tenho tido a oportunidade de perceber a cada novo membro da família que adere ao grupo, o deslumbramento e a surpresa de tios e primos mais velhos, por tantas possibilidades de interação, com fotos, vídeos, bate-papos etc. Percebo, também, que o que eles estão sentindo e experimentando na prática nada mais é do que a conexão do mundo em uma grande teia de comunicação. Uma teia que atravessa os oceanos, ultrapassa as barreiras internacionais, ignora as diferenças culturais e temporais e invade e se instala na vida dos habitantes do século XXI.

Estamos realmente conectados nas e através das mídias digitais. Em todos os âmbitos sociais, essas mídias estão entrando e modificando a forma de ser e de (inter)agir do homem.

Às vezes, porém, me pergunto quando tudo isso realmente mudou. Adoraria voltar no tempo e enxergar, na prática, quando a Internet passou a ser um espaço para pessoas comuns como eu. Quando deixamos o estilo monológico semelhante à antiga televisão, que não era feita para permitir a participação do espectador, e passamos ao diálogo, à troca, à interação e à autoria do indivíduo comum, com o apoio de buscadores criados para serem extremamente “inteligentes”, rápidos e abrangentes?

Se é impossível voltar atrás para enxergar claramente tudo isso, parece não o ser caminhar para frente, buscando o que agora é viável desenvolver. Mas, hoje, apesar das distâncias encurtadas, andar para frente também pode significar trilhar caminhos infundáveis, diante da quantidade de conteúdo imensurável que existe

disponível na Internet. Fazer uma pesquisa quando se têm a possibilidade de consultar conteúdos – antes inacessíveis por causa das distâncias, das despesas e da dificuldade de adquirir o material – pode levar o pesquisador a não saber quando parar, principalmente quando seu objeto de estudo pode ser acessado a qualquer hora do dia ou da noite, pela via de um *click*.

Como tal, fazer escolhas e criar critérios tornam-se prioridades no processo. Mesmo assim, é fundamental compreender que a busca em si, apesar de concluída num determinado ponto, permanece essencialmente inacabada, pois uma questão sempre suscita outra, assim como um link sempre se liga a outro e mais outro e mais outro, numa “hiperlinkação” infinita. Procurar e achar informações não dão a certeza do conhecimento; é preciso a análise acurada do que se colheu. É preciso uma síntese final que somente a força do pensamento crítico pode alcançar.

Por isso, teço agora o fechamento de meu trabalho, buscando uma sistematização das escolhas, mesmo que o cursor de meu mouse ainda esteja apontando para novas buscas e pronto para eu continuar a mergulhar em outros blogs, listas, redes e discussões. O que exponho agora é a percepção do que encontrei e pude refletir durante esta pesquisa.

A leitura feita, orientada pela caracterização dos professores pioneiros, trouxe à tona questões referentes às significações que os docentes se outorgam em relação ao consumo das mídias digitais em sua vida pessoal e profissional. Após a leitura dos dados do debate e a primeira divisão dos professores a partir das categorias que apresentei – pioneiro, praticante e neófito –, fui percebendo e entendendo a dificuldade, muitas vezes, de um ou outro professor em se adequar a uma das categorias porque elas se baseiam, principalmente na capacitação do professor no uso dos suportes (computador, celular, netbook, Ipod, Ipad etc.) ou de ferramentas (MSN, Twitter, Facebook, Google Buzz etc.). Então, entendi que os verdadeiros professores pioneiros, no fundo, têm de ser eternamente praticantes, mas devem ter consciência de que também serão, sempre, neófitos. A velocidade de transformações na Web, a quantidade de novas ferramentas gera a necessidade constante de novas aprendizagens. No momento em que aqui escrevo, eu sou totalmente neófita ao uso do iPad e de seus aplicativos, mas não sou mais uma iniciante inexperiente no uso de meu laptop nem na construção e uso, por exemplo, de meus blogs. No entanto, apesar de me considerar pioneira em

algumas produções com alunos, se não me mantiver praticante, daqui a pouco terei de partir do zero como neófito, pois as mudanças são sempre muitas.

Como se vê, as distinções entre as três categorias adotadas para agrupar os professores segundo suas avaliações, cedo mostraram que não podiam ser usadas excludentes entre si. Elas desempenharam o papel de patamares no caminho das transformações nas atitudes docentes e, como tal, apresentavam a trajetória que os ligava em via de dupla mão, ou seja, um pioneiro de agora estaria sendo iniciante num outro momento ou vice versa. Tiveram, portanto, a função de colocar foco em mestres que, desde sempre, se propuseram a investir no processo ensino-aprendizagem por ideologia, gosto, vontade, devoção ou aptidão, com ou sem as mídias digitais. Se cruzei com professores chamados de pioneiros devido ao uso que fazem hoje das mídias digitais em seu cotidiano profissional, ontem eles também existiam, buscando inovar o processo educativo com os recursos que cabiam em sua época.

Independente dos artefatos, o que pode transformar a educação é o humano, o ser humano, com suas inquietações, buscas e experiências. Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa também poderia ter buscado professores pioneiros a partir de outras habilidades, mas devido aos objetivos deste trabalho e os anseios diante das transformações da sociedade em relação à entrada das mídias digitais em quase todos os contextos, privilegiei os usuários desses novos recursos que podem e estão também trazendo possibilidades e mudanças para a escola.

Entretanto, chamou-me especial atenção o fato de esse tema ser ainda tão polêmico, as discussões, muitas vezes, limitando-se à ideia de ser positiva ou negativa, benéfica ou maléfica a entrada das TIC na escola. Infelizmente, também por isso, muito pouco se sabe ainda sobre o que, de concreto, essas inovações têm mudado na educação, principalmente na aprendizagem dos alunos, para que se possam avaliar adequadamente os reais resultados do processo. Afinal, muitas ações ainda são solitárias ou sem continuidade, por contarem apenas com a boa vontade de alguns professores ousados (os aqui chamados de pioneiros).

Nesse sentido, busquei na pesquisa exploratória e na netnografia a oportunidade de, como pesquisadora participante das listas de discussão aqui utilizadas e também blogueira, conhecer melhor as representações de meus colegas usuários das TIC sobre as mídias digitais na construção do conhecimento. É sempre importante ressaltar que os resultados obtidos não permitem generalizar

os achados, mas são muito importantes para o aprofundamento das reflexões sobre alguns pontos que a empiria iluminou.

Ela me permitiu, também, explorar de forma síncrona e assíncrona a riqueza do debate, as produções e interações dos diversos professores pertencentes a esta rede de edublogueiros e os conteúdos atuais e mais antigos disponibilizados por eles em seus blogs, que por sinal apresentam postagens variadas e ricas em conteúdo e criatividade.

Não posso também deixar de mencionar o quão rico se mostrou este processo, visto que, de minha casa, no Rio de Janeiro, pude pesquisar e conhecer as propostas de trabalho, as expectativas, os medos e as preocupações de professores das diversas regiões do Brasil. Apesar de a concentração maior de professores desta pesquisa estar nas regiões Sul e Sudeste, obtive dados do questionário muito interessantes provindos também do Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Embora houvesse tamanha diversidade geográfica e total desconhecimento do outro enquanto indivíduo presencial, tudo o que se expôs nesta dissertação faz parte da construção que cada professor faz de si mesmo e de suas representações virtuais. Hoje, o que encontramos na Web é o outro que se constitui a si mesmo, produzindo a sua verdade. E essa verdade discute, debate, se expõe, se promove, se encanta, se desencanta, se apresenta, entra, sai, abandona, volta e a cada dia se faz, em maior ou menor intensidade, presente na vida de outras verdades constituídas da mesma forma.

Em muitos momentos da pesquisa, deparei-me com situações um pouco inusitadas. Por exemplo, professores que para mim são modelos de pioneirismo – não só por sua produção e atuação na Web como também por sua dedicação ao desenvolvimento de outros colegas – não chegaram ao conjunto de professores que considerei significativos por causa de algum filtro. Esses filtros, porém, foram necessários, pois o trabalho não objetivava ser um mural de exposição de produções de educadores na Web. O que aqui se desejou, desde o início, foi identificar o que os professores pioneiros pensam sobre o uso das mídias digitais e como vinculam suas atividades na Web e seus conhecimentos das MD à sua prática pedagógica; e, também, verificar a ressonância da entrada das MD na sala de aula no interesse, na participação e na aprendizagem dos alunos.

Diante dessa realidade, percebi que um bom número de atores de minha pesquisa não é mais simples usuário-amante das mídias digitais. Eles realmente assumiram as inovações como parte de suas vidas e creem que elas são um fator importantíssimo para a renovação da educação. No entanto, esses professores, seja pelas pressões negativas que já sofreram, seja pelas dificuldades em concretizar atividades por eles planejadas, já não têm mais a ingenuidade de também achar que as inovações são as únicas responsáveis pela recuperação do ensino. Percebi que muitos têm uma visão crítica do tema muito acurada e estão lutando por uma renovação da Educação muito mais ampla do que a simples capacitação de professores para fazerem uso de ferramentas da Internet ou a “equipagem” das escolas.

Os professores pioneiros já têm muito a contribuir nessas mudanças necessárias. Eles também perceberam que os blogs, wikis, redes sociais e inúmeras ferramentas disponíveis na Web não fazem parte de uma nova tecnologia educativa que veio para substituir outras mais antigas e fazer o mesmo com “floreios” diferentes. Essas inovações representam uma nova linguagem, levam a um modo de pensar diferente. Com elas, o conhecimento não pode mais ser organizado em uma forma estruturada, e traz novas possibilidades, permitindo, no mínimo, um certo grau de interação, que, por si só, é gerador de aprendizagem.

Parece meio paradoxal, mas a questão é que os professores precisam se familiarizar às ferramentas que estão aí para serem usadas, mas conhecê-las por si só não modifica a diáde repetida até então – o professor como detentor do conhecimento e o aluno como aprendiz. Junto a essas aprendizagens pontuais e limitadas, é necessário desenvolver uma nova visão de construção do conhecimento por parte do aluno. É uma nova mentalidade de aprendizagem que pode ser adotada sem as TIC, mas que, no curso da história, se acentuou com o seu advento

Considerando que foram estudados basicamente a produção de professores, que chamei de pioneiros, atuantes nos anos de 2008, 2009 e 2010, o que detectei de construção por parte deles muito ainda pode ser estudado para se verificar o resultado de seus feitos na aprendizagem dos alunos. A minha experiência, por força desta pesquisa e também pela minha própria docência, faz-me constatar que, enquanto a sociedade em geral está percebendo que a apropriação das TIC é uma

questão de sobrevivência profissional e social, a maioria dos professores ainda acredita que tais tecnologias são algo extra e que podem prescindir delas.

Na verdade, na sociedade atual, não caberia mais considerar o uso das mídias digitais na sala de aula como algo exótico ou excepcional. Elas têm de se tornar tão invisíveis quanto as tecnologias que já fazem parte do dia a dia de qualquer sala de aula: um quadro, um giz, um lápis e um caderno. Para isso, sempre com atitude crítica e sem ingenuidade, parece-me que é imprescindível que todos os docentes as dominem e todas as instituições escolares estejam preparadas para as novas necessidades.

Se houvesse uma formação verdadeiramente adequada ao cotidiano da prática docente, os neófitos não temeriam se apropriar dessas novas ferramentas da forma como hoje se faz. É a curiosidade, a cooperação mútua e o intercâmbio de ideias que poderão introduzi-los, e também à escola, nessa grande teia. É importante destacar, porém, que não há como se dominar por completo o equipamento nem a ferramenta. Da mesma forma, não há como se garantir um controle seguro sobre os usuários.

Por outro lado, o professor que ainda está acostumado a ensinar e a ter o controle sobre o conteúdo a ser ministrado não deve mais ficar esperando “ser ensinado” por alguém. Uma das mudanças geradas com o advento das mídias digitais na sociedade é a autoaprendizagem, é a concretização do autodidatismo. É dessa forma que a sociedade está se reconstruindo ou, simplesmente, se adequando, e todos os profissionais estão se adaptando. O que está acontecendo é uma mudança de paradigma. Isto é, a constatação de que a quantidade de informação a que estamos expostos não permite o controle do tempo da própria informação. O mundo globalizado gerou uma espiral de conhecimento com tamanha exposição à informação que não somos mais capazes de contê-la como antes se fazia com a aquisição de uma enciclopédia. No mundo de hoje o conhecimento não é mais estrutural. Tornou-se conjuntural, isto é, o indivíduo que sai da faculdade não terá como se manter como profissional somente com aquela aprendizagem. Antigamente o curso superior era a garantia de uma vida profissional estável, para sempre. Hoje, ele terá de se “autoalimentar” de novos conhecimentos de acordo com as mudanças e inovações para se manter atualizado e sempre pronto para o mercado. Nesse sentido, parece muito mais importante, então, ensinar as pessoas a aprender em vez de ensinar-lhes o conteúdo em si. O

que passa a ser importante na vida moderna é a capacidade de se adaptar às novas situações, a capacidade de lidar com novas experiências. O mundo moderno não está mais permitindo acomodações.

É por isso que, enfatizando o que disse acima, quando falo de formação continuada que promova o conhecimento das TIC não entendo esse processo como uma simples formação no uso de ferramentas, mas como uma reformulação na forma de pensar o ensino, na forma de promover a aprendizagem. A questão está na estrutura do pensamento e não no conteúdo dessa ou daquela disciplina. Em outras palavras, não estou falando simplesmente de aprendizagem de ferramentas (conteúdos), mas sim de se vivenciar uma nova forma de ver o aprendido. Afinal, novas ferramentas são geradoras de novas linguagens.

Detectei bem forte, no discurso dos professores, que a entrada das mídias digitais na escola apresenta uma dicotomia. É uma questão de dupla resistência: dos que negam e rejeitam as inovações e dos que as incorporam em suas atividades e enfrentam as barreiras de colegas e direção. Esse processo de adaptação é comum e pode ser lento mesmo. Depende muito de uma profissão para outra. No caso dos professores, o atraso das próprias instituições em se adaptar às inovações permite um maior espaço de resistência, diferente dos profissionais que, muitas vezes, precisam acompanhar o processo rapidamente para não serem descartados do mercado.

Existem ainda outras dicotomias. No que diz respeito à otimização do tempo (percepção clara dos professores usuários das mídias digitais) e o aumento de trabalho do professor, a discussão ainda não aborda muito a relação carga horária/salário. São poucos os professores que já formularam uma visão crítica sobre mudanças e exigências que estão ocorrendo aos poucos em suas vidas. Outra questão é que vemos professores muito bem formados no uso das mídias digitais, mas que, por outras razões não conseguem trabalhar ou, quando estão atuando, não conseguem desenvolver projetos com a visão e utilização das TIC por impedimentos e burocracias da instituição em que trabalham.

Quanto à análise do questionário que apresentei, gostei em particular de detectar quatro dados que desconhecia por completo. O primeiro é, no grupo ouvido, a incidência de profissionais da área de Letras, minha primeira formação, nessa busca e inovação. Como discuti anteriormente, se a Web é mídia e, portanto, pressupõe comunicação, interação, nada mais natural que haja a

prevalência de pessoas das áreas humanas em comparação com as demais áreas. Essa constatação, ainda que em pequeno grupo, muito me encantou porque o senso comum reinante, inclusive entre muitos colegas de trabalho, é que Internet está intimamente ligada à Informática, por conseguinte à Matemática e às demais disciplinas exatas. Hoje, porém, o uso da Web – a criação de blog, wiki, redes sociais etc. – não exige conhecimento de programação. A menos que se deseje extrapolar o que já há disponível, todos os processos são autoinstrutivos.

Por outro lado, aquela ideia de um ambiente aparentemente tão masculino (devido à relação inicial com a área exata) está se transformando em um ambiente com significativa presença feminina. Encontrar tantas colegas à frente dessas inovações e discutindo as possibilidades diante das descobertas e aprendizagens, com certeza, é animador. Além disso, saber que 79% dos pioneiros aqui encontrados (63 dos 79 docentes pesquisados) estão acima dos 36 anos de idade me faz repensar a categorização de Prensky (“nativos digitais” *versus* “imigrantes digitais”), há dez anos tão repetida e agora por ele mesmo reformulada.

Na verdade, o que essa constatação me mostrou é que o conhecimento digital não é uma questão de época de nascimento, mas de atitude diante das transformações. Os professores mais abertos às inovações, nos grupos pesquisados, seriam exatamente aqueles menos propensos pela idade. Nesta investigação detectei que não é, portanto, a idade que vai fazer de alguém mais ou menos conhecedor, melhor ou pior usuário das mídias digitais.

Um outro ponto que muito me chamou a atenção tem a ver com os alunos. Mais uma vez utilizando a ultrapassada categorização de Prensky (2000), os chamados “nativos digitais”, aqui não se comportaram tão nativamente assim. Os professores pioneiros vêm desenvolvendo suas práticas através da inserção tecnológica, mas percebem que os alunos, apesar de usuários das mídias digitais em suas vidas, ainda não conseguiram ressignificar a sua atitude de estudante. Permanecem com a visão do processo chamado por muitos professores de “Industrial”, um processo de fala-responde, no qual os alunos só estudam para provar em avaliação o quanto armazenaram de informação. Parece também um grande paradoxo, mas nossos alunos, apesar de usuários em sua vida pessoal das MD, ainda não estão preparados para enfrentar novos paradigmas escolares, novas propostas de avaliação. Isto se deve, provavelmente, ao fato de eles diferenciarem o espaço escolar dos demais espaços onde vivem e interagem. Afinal, são muitos

anos, mais de século, presos e enraizados na estrutura tradicional e fechada de aprendizagem-avaliação-nota-aprovação/reprovação, independente da construção ou não do conhecimento. Isso também comprova que os chamados “nativos digitais” não estão tão à frente dos professores que seriam os “imigrantes digitais”.

O fato de, em nenhum momento, seja nos dados apresentados no questionário, seja no debate ou ainda nas postagens que li dos blogs desse professores, encontrar trabalhos voltados para o projeto UCA (um computador por aluno) foi uma questão que também pude assinalar. Apesar de já ter havido discussões nas listas sobre tal política de inclusão digital, não encontrei nenhum dos professores estudados envolvido com esse projeto.

Por tudo isso, ratifico, mais uma vez, a ideia já apresentada neste meu trabalho: hoje, mais do que nunca, para se conhecer, é necessário experimentar – e não ficar contemplando de longe. No entanto, esse “experimentar” agora, com as mídias digitais, pode passar de uma situação presencial para uma virtual, pois elas podem proporcionar formas de experiências distintas, transformando o cotidiano das pessoas em algo bem diferente do vivido por gerações anteriores.

A pesquisa encontrou um grupo de professores que, diferente do que é apregoadado, vem exercendo o seu papel com heroísmo diante de tanta falta de respeito, de dignidade, de infraestrutura, em que pese os baixíssimos salários, em duplas ou triplas jornadas, conseguindo ainda dispor de seu tempo pessoal para levar para a escola algo em que acreditam.

O fechamento deste meu trabalho não se faz com a sensação de completude, mas, ao contrário, da mesma forma que os professores pioneiros têm de permanecer praticantes, e, volta e meia, sejam neófitos, há muito o que se considerar nas práticas educativas com as mídias digitais, pois a realidade é que estamos todos como neófitos ainda nesta seara.